



O Bullying no Ambiente Escolar: Definições e Tipologias

Bullying in the School Environment: Definitions and Typologies

José Yohan dos Santos Pereira

Universidad de La Integración de Las Américas

Alderlan Souza Cabral

Orientador - Universidad de La Integración de Las Américas

Resumo: O presente estudo tem como objetivo analisar o papel do professor diante das situações de bullying no ambiente escolar, à luz dos direitos fundamentais garantidos às crianças e adolescentes. A pesquisa parte de uma abordagem qualitativa e interpretativa, realizada com professores de uma escola pública, visando compreender como o fenômeno do bullying afeta o processo de ensino-aprendizagem, as relações sociais e o ambiente institucional. Além da dimensão educacional, o estudo examina os aspectos jurídicos e sociais relacionados ao bullying, incluindo suas implicações legais, o papel da escola como espaço de cidadania e a responsabilidade do Estado na prevenção da violência escolar. A reflexão é sustentada por fundamentos éticos, pedagógicos e jurídicos, evidenciando a necessidade de práticas intersetoriais para a promoção de uma cultura de paz, respeito e inclusão no contexto educacional.

Palavras-chave: bullying escolar; direitos da criança e do adolescente; educação e cidadania.

Abstract: This study aims to analyze the role of teachers in situations of bullying within the school environment, in light of the fundamental rights guaranteed to children and adolescents. The research adopts a qualitative and interpretative approach, conducted with teachers from a public school, in order to understand how the phenomenon of bullying affects the teaching-learning process, social relationships, and the institutional environment. In addition to the educational dimension, the study examines the legal and social aspects related to bullying, including its legal implications, the role of the school as a space for citizenship, and the State's responsibility in preventing school violence. The discussion is grounded in ethical, pedagogical, and legal principles, highlighting the need for intersectoral practices to promote a culture of peace, respect, and inclusion in the educational context.

Keywords: school bullying; rights of the child and adolescent; education and citizenship.

INTRODUÇÃO

O “bullying” é entendido como uma forma de zombaria cruel que ocorre repetidamente e de maneira deliberada entre crianças e adolescentes nas escolas, visando intimidar, caluniar, discriminar e isolar os colegas. Insultos relacionados à aparência, empurrões, tapas e ofensas fazem parte desse fenômeno. Aqueles que sofrem com isso experimentam angústia, vergonha, isolamento e uma sensação de incapacidade.

Assim, o bullying se revela como um fenômeno que reflete uma das várias manifestações de agressão no ambiente escolar, sem justificativa clara e de maneira covarde, pois é deliberado. Essa prática ocorre em relações assimétricas, visando desestabilizar a tranquilidade de suas vítimas escolhidas, podendo provocar, mesmo na ausência de ferimentos físicos, impactos psicológicos ou emocionais significativos.

A presente obra tem como objetivo geral: Analisar o papel do professor diante das situações de bullying no ambiente escolar. Este trabalho aborda o bullying, focando na ocorrência desse fenômeno no contexto escolar. Serão exploradas as dimensões sociais, culturais, de cidadania e de aprendizado, com ênfase no direito de cada indivíduo ser respeitado em sua singularidade.

A presente obra se justifica pois o ambiente escolar é um local onde o estudante adquire conhecimentos intelectuais e deve ser estimulado a colaborar com os demais, promovendo a interação e a construção de uma compreensão sobre as dificuldades e perspectivas dos colegas. Essa prática fomenta a empatia e a solidariedade, essenciais para o progresso de uma sociedade mais equitativa e harmoniosa.

A prática de bullying consiste em um conjunto de comportamentos hostis, deliberados e frequentes, que ocorrem sem uma razão clara, perpetrados por um ou mais estudantes contra um ou mais colegas, resultando em dor, aflição e sofrimento. Isso inclui ofensas verbais, ameaças, apelidos ofensivos, zombarias dolorosas, acusações infundadas e ações de grupos que perseguem, ridicularizam e atormentam a vida de outros alunos, levando à exclusão social, além de provocar danos físicos, emocionais e materiais. Essas são algumas das formas que o comportamento bullying pode assumir.

CARACTERIZAÇÃO DO BULLYING NO ESPAÇO ESCOLAR

Ressalta-se que “o bullying é definido por ações reiteradas de opressão, tirania, agressão e controle que indivíduos ou grupos exercem sobre outras pessoas ou grupos, que se encontram subjugados pelos primeiros” (Lopes Neto, 2015).

Lopes Neto também enfatiza que o bullying representa uma manifestação de domínio e controle; trata-se de uma forma de pressão que se intensifica à medida que se apoia na brutalidade e na dor alheia. Nota-se que o ser humano ainda não possui plena consciência da influência que exerce sobre os demais, o que acaba promovendo a propagação do prazer em causar dor ao outro. “O bullying refere-se a ações que podem envolver ofender, zombar, agredir fisicamente, causar medo, ignorar ou rejeitar, humilhar, intimidar, discriminar, entre outras atitudes hostis” (Lopes Neto, 2015).

A violência começa com comportamentos inicialmente considerados aceitáveis, mas que se intensificam com o tempo. Ela traz consigo um conjunto específico de problemas que podem ter efeitos prejudiciais tanto a curto quanto a longo prazo nas esferas educacional e social. É fundamental que sejamos capazes

de identificá-la para que possamos erradicá-la e evitar sua continuidade. Do contrário, é triste perceber que um espaço que deveria favorecer a aprendizagem, a interação social e o desenvolvimento da cidadania pode se transformar em um ambiente de dor e abusos.

O bullying ocorre frequentemente em variados contextos e é direcionado a indivíduos que têm dificuldade em compreender ou se proteger; envolve xingamentos e ridicularizações, além de afirmações enganosas apresentadas como se fossem reais, que prejudicam, constrangem e ameaçam, seja de forma presencial, por mensagem de texto ou e-mail. Nas plataformas de redes sociais, isso é reconhecido como Cyberbullying. A ideia de bullying no Brasil refere-se ao ato de provocar, agredir ou intimidar. Escarnecer, fazer piadas, zombar de maneira cruel, menosprezar, atribuir apelidos depreciativos e questionar a masculinidade ou feminilidade da pessoa afetada.

O sistema judiciário brasileiro categoriza essas ações como infrações definidas nos artigos 138 a 141 do Código Penal, incluindo injúria, difamação e agressão corporal.

O crime não requer a atribuição da autoria de um ato ilícito (calúnia) ou de um evento desonroso e imoral (difamação), bastando uma simples ofensa, sem necessidade de vínculo com fatos que causem desonra. Uma opinião negativa e depreciativa sobre o indivíduo (vítima) é bastante para que o crime se estabeleça. Oliveira define o bullying como:

A provocação é repetida e tem um caráter degradante e ofensivo, sendo mantida apesar da emissão de sinais claros de oposição e desagrado por parte do alvo. É intencional, não provocado pela vítima e pode ser considerado como uma forma de abuso, que pode ser tanto físico como psicológico (Oliveira, 2016).

As relações interpessoais sempre se mostraram complexas, e cada vez mais diferenciadas, exatamente porque há uma grande diversidade cultural, étnica, religiosa em todos os grupos sociais, por mais fechados e avessos ao conhecimento de novas culturas.

Neste ambiente complexo e diversificado há sem dúvida o surgimento da violência, das mais variadas possíveis. Atualmente a forma mais debatida é a prática denominada bullying, tão antiga quanto a vida em sociedade, mas que atualmente tem demonstrado seu lado mais perverso porque consegue manter a vítima sob extremo stress. O mundo globalizado e o acesso cada vez mais difundido da rede mundial de computadores propiciaram a difusão da violência do bullying também no mundo virtual chamada cyber bullying (Casado, 2016).

As manifestações de bullying incluem: Verbal (insultos, ofensas, comentários negativos, apelidos depreciativos, fazer piadas à custa de alguém); física e material (agredir, empurrar, beliscar, roubar, furtar ou danificar os bens da vítima); Psicológica e moral (humilhar, isolar, discriminar, chantagear, ameaçar, difamar); Sexual (abusar,

agredir, assediar, insinuar) e virtual ou Cyberbullying (bullying realizado através de tecnologias, como celulares, câmeras, internet etc.). Pesquisas indicam que os meninos são ligeiramente mais propensos a praticar essas ações em comparação às meninas.

Entretanto, devido à sua natureza mais agressiva e ao uso da força, as ações dos meninos se tornam mais evidentes. Por outro lado, as meninas tendem a exercer bullying por meio de intrigas, boatos e exclusão de suas colegas. Isso faz com que suas atitudes possam passar despercebidas, tanto no ambiente escolar quanto no familiar.

Entende-se que o bullying é uma questão habitual na sociedade, existindo desde tempos antigos até os dias atuais. Contudo, na era moderna, há uma crescente conscientização sobre seus efeitos prejudiciais e também sobre as formas de combatê-lo.

A vida em grupo exige a criação de normas para regular a convivência e o comportamento das pessoas, com condutas que estejam alinhadas aos princípios definidos pelo coletivo, considerados fundamentais para a melhoria das interações sociais.

Surge então a ciência, que tem a responsabilidade de atender às demandas sociais quando a sociedade exige a penalização de ações que são reprovadas pelo coletivo. Quando a comunidade reconhece os danos causados pelo bullying, ela pode se tornar uma parceira valiosa, devendo manter vigilância sobre todas as ameaças que possam afetar as pessoas, especialmente se as vítimas forem suas próprias crianças.

O bullying tem uma conexão significativa com o futuro nas esferas familiar, social e profissional, além de estar associado ao consumo de substâncias ilícitas, à violência sexual e doméstica, e aos delitos patrimoniais. Isso, por sua vez, resulta na exigência de consideráveis investimentos por parte do governo ou de organizações não governamentais para atender às necessidades da justiça, do sistema penitenciário, de programas sociais e da saúde. “Uma criança carente de amor e sem fronteiras... um estudante destrutivo... um adulto agressivo e desorganizado: embora não seja uma situação generalizada, essa é uma probabilidade muito alta. Romper esse ciclo é transformador para a sociedade” (Bastos, 2017).

Alegria e diversão são características frequentes na adolescência e devem acompanhar a experiência humana ao longo da vida. Contudo, a fronteira entre essas atitudes e o bullying é sutil. Para distingui-las, é essencial atentar para a relação entre a intenção, a repetição e a motivação que levam ao sofrimento, resultando em um desequilíbrio de poder entre pessoas do mesmo grupo e, por conseguinte, à intimidação.

Existe também o fenômeno conhecido como cyberbullying, que se refere ao uso da Internet (como celulares, imagens, mensagens) para práticas de agressão. Nesse cenário, o principal desafio é enfrentar algo que é desconhecido e, se não for abordado com a devida reflexão, pode resultar em uma visão aterrorizante.

No Brasil, conforme mencionado antes, não há uma legislação específica voltada para o enfrentamento do bullying. No entanto, a valorização da conscientização já apresenta alguns resultados promissores: estão surgindo propostas e iniciativas destinadas a criar ambientes seguros e promover ações que ajudem na prevenção e enfrentamento do bullying.

Ao ser considerado uma violência onde seja manifesto, o bullying tem favorecido análises e interpretações acerca de sua prevalência e, na escola, ainda restam algumas dificuldades em seu reconhecimento como violência, dificultando, conseqüentemente, o seu enfrentamento, mas que:

Pode contribuir para o enfraquecimento do processo ensino/aprendizagem, e contribuir, ainda mais, como agente potencializador dos comportamentos inadequados dentro da escola. Diferentes pesquisas têm atestado tais fatos: quando se fala da violência na escola, o lócus central do problema parece ser desobediências às ordens de quem impõe as regras na escola [...]. À revelia, crianças e adolescentes são intimidados, menosprezados, diminuídos, ameaçados por seus pares sem que as autoridades na escola queiram sequer perceber que há um problema, ainda que não lhes afete diretamente. Enquanto as meninas fazem bullying na base do mexerico e intrigas, os meninos tendem a utilizar a força física para firmarem seu poder sobre os demais (Oliveira, 2016).

A prática do bullying nas instituições de ensino destaca-se como um dos problemas mais evidentes e alarmantes, sendo frequentemente relacionada à falta de reconhecimento desse comportamento por parte dos adultos. Sem essa percepção, torna-se difícil enfrentar o bullying de forma eficaz. Dessa forma, a falta de orientação ou de ações específicas em situações concretas por parte dos educadores, funcionários e dos familiares favorece a propagação do problema, resultando em um ambiente escolar marcado por um desconforto coletivo. Segundo Oliveira (2016):

A educação do jovem no século XXI tem se tornado algo muito difícil, devido à ausência de modelos e de referenciais educacionais. Os pais de ontem, mostram-se perdidos na educação das crianças de hoje. Estão cada vez mais ocupados com o trabalho e pouco tempo dispõem para dedicarem-se à educação dos filhos. Esta, por sua vez, é delegada a outros, ou em caso de famílias de menor poder aquisitivo, os filhos são entregues à sorte. Os pais não conseguem educar seus filhos emocionalmente e, tampouco, sentem-se habilitados a resolverem conflitos por meio do diálogo e da negociação de regras. Optam muitas vezes pela arbitrariedade do não ou pela permissividade do sim, não oferecendo nenhum referencial de convivência pautado no diálogo, na compreensão, na tolerância, no limite e afeto. A escola também tem se mostrado inabilitada a trabalhar com a afetividade. Os alunos mostram-se agressivos, reproduzindo muitas vezes a educação doméstica, seja por meio

dos maus-tratos, do conformismo, da exclusão ou da falta de limites revelados em suas relações interpessoais. Os professores não conseguem detectar os problemas, e muitas vezes, também demonstram desgaste emocional com o resultado das várias situações próprias do seu dia sobrecarregado de trabalhos e dos conflitos em seu ambiente profissional. Muitas vezes, devido a isso, alguns professores contribuem com o agravamento do quadro, rotulando com apelidos pejorativos ou reagindo de forma agressiva ao comportamento indisciplinado de alguns alunos. (Oliveira, 2016).

A prática do bullying consiste em um tipo de violência que, embora não deixe cicatrizes evidentes, impacta suas vítimas de maneira profundamente dolorosa. A gravidade do ato não se mede apenas pela agressão física, mas pelo sofrimento que provoca, aterrorizando, intimidando e promovendo um verdadeiro tormento psicológico nas pessoas afetadas.

O bullying se manifesta como uma agressão discreta, já que o perpetrador nem sempre recorre à violência física contra as suas vítimas. O que inicialmente parece ser uma simples brincadeira infantil pode, na realidade, transformar-se em um verdadeiro tormento para quem sofre a agressão.

Diversos pesquisadores acreditam que o bullying é um dos responsáveis pela saída de alunos das escolas atualmente. A pessoa atacada muitas vezes se sente isolada, indefesa e, devido à crença de que ninguém estará ao seu lado para oferecer suporte em caso de retaliações mais severas por parte do agressor, decide deixar a escola.

Dessa forma, o estudante que sofre agressões perde a vontade por tudo que envolve a escola, fica desanimado e, para escapar das violências, deixa de lado os estudos. Em situações de extremo desespero, a vítima pode direcionar sua raiva não apenas contra os agressores, mas também contra todos ao seu redor. Souza e Silva (2015) destacam que:

A necessidade de se discutir a temática junto a profissionais ainda em formação na área de educação. Esta seria uma tentativa de reverter um quadro no qual os profissionais afirmam não saber lidar com o fenômeno e inseri-los no planejamento curricular, além de envolver os pais na problemática.

Pesquisas sustentam a necessidade de aprimorar a conexão entre educadores e estudantes, buscando transformar o cenário de violência nas escolas, onde a interação entre os envolvidos pode ter um impacto significativo.

A criação de um novo cenário escolar, caracterizado por comportamentos inovadores e pelo comprometimento com a prática do respeito mútuo, pode viabilizar transformações no ensino e na aprendizagem. Isso se deve ao fato de que, na interação com os alunos, o professor exerce uma função central e significativa, atuando como facilitador e orientador do processo educativo. Dessa forma, é fundamental promover a realização de pesquisas, seminários e capacitações que reúnam profissionais da educação, a comunidade e a busca por soluções que

ajudem a reduzir os casos de violência nas instituições de ensino, por meio do combate ao bullying. De acordo com Wendling (2016):

A prática do bullying tem causado preocupação social, em especial devido aos casos de extrema violência com diversas mortes. A legislação existente no Brasil para cuidar da prática do bullying somente atua no âmbito da escola, não existindo uma política para punição dessa prática no âmbito estatal. Logo não se pode falar de criminalização do bullying, bem porque esta prática é formada de ações que já têm regulamentação penal própria. A criminalização também é dificultada por ser uma prática em que o ofensor é menor. Não se pode falar propriamente de bullying quando o agente é maior, pois nesse caso a ele pode ser aplicada a lei penal, que praticamente define quase todas as ações de bullying como crimes. Assim, dificilmente casos de bullying são tratados no âmbito do judiciário.

A escola representa um ambiente que deve promover continuamente a educação. Assim, entende-se que os estudantes assimilam conhecimentos ao mesmo tempo em que criam e desenvolvem suas produções. Entretanto, é importante lembrar que os educadores, ao transmitirem seus ensinamentos, também estão em processo de aprendizado.

Para estabelecer uma Cultura de Paz, é necessário ir além de boas intenções e discursos eloquentes. É essencial promover entre os alunos a justiça social, a igualdade de gênero, erradicar o racismo, fomentar a tolerância religiosa, respeitar os direitos das crianças, garantir a Educação Universal, cuidar do equilíbrio ecológico e defender a liberdade política.

É essencial que o estudante experimente, no ambiente escolar, assuntos como: a valorização da identidade pessoal e cultural; o incentivo ao autoconhecimento e à autoestima; a melhoria da comunicação entre indivíduos; a formação para a prática da cidadania; a reflexão e a vivência de princípios éticos universais; além do reconhecimento da diferença e da valorização da diversidade.

Quando a instituição educacional estabelece um sistema de interação no qual as regras de respeito mútuo e a garantia dos direitos de todos são bem definidas, incidentes isolados de violência, que podem ocorrer, se manifestarão de forma pontual e sob controle.

Nesse contexto, promover a cultura da paz não apenas serve como uma abordagem que possibilita uma experiência rica em diálogo, mas também visa estimular práticas educativas dentro da instituição de ensino. A capacidade de diálogo é, sem dúvida, um aspecto essencial da educação voltada para a paz, especialmente se considerarmos os conflitos como parte intrínseca da condição humana. Diz Jares (2016):

É preciso, perceber que a maneira pela qual os conflitos são tratados, mediados ou resolvidos, determinam as possibilidades de paz ou de violências. Discussões sobre violência, tendo como objetivo a cultura de paz convergem suas pretensões

ao incitar a discussão dos princípios que regem as relações pessoais na escola, explicitando que quanto menor for a distância entre nosso discurso e nossa ação, entre o currículo explícito e o oculto, mais eficaz será nosso trabalho.

Na contemporaneidade, a educação vai além de simplesmente transmitir conhecimento; trata-se de capacitar para a transformação nas quatro dimensões da aprendizagem, conforme enfatizado por Delors (2000): “As quatro aprendizagens essenciais ao longo da vida se tornarão, de certa forma, as bases do saber para cada pessoa”.

Para aprimorar a sua personalidade e agir de maneira cada vez mais autônoma, crítica e responsável, é essencial valorizar a educação de todas as habilidades de cada indivíduo: memória, capacidade de raciocínio, apreciação estética, habilidades físicas e a capacidade de se comunicar. Esse processo de aprendizado foca na formação da sensibilidade, permitindo que a pessoa experimente a solidariedade e o amor ao próximo, manifestando um comportamento ético e engajado nas ações do cotidiano.

Consiste em cultivar um olhar crítico e reflexivo ao se comunicar com os outros, ou seja, avaliar suas próprias ações em relação às respostas alheias e ajustar seu comportamento para promover uma vida mais satisfatória tanto para si quanto para o coletivo ao seu redor. Trata-se de ser independente, autônomo, criativo e capaz de promover mudanças através de suas ações.

Neste século, é responsabilidade da escola e da sociedade estabelecer diretrizes estratégicas que possibilitem lidar com o inesperado e o imprevisto, além de adaptar o progresso em prol das experiências adquiridas ao longo do tempo.

A maneira como os indivíduos estabelecem relações sociais que são justas, equitativas e respeitadas em relação ao meio ambiente, reconhecendo que fazem parte de um mundo globalizado, fundamenta-se no princípio da aprendizagem sobre a convivência e do desenvolvimento pessoal.

Esses princípios incentivam o indivíduo a desenvolver a consciência universal, levando à compreensão de que suas ações podem tanto beneficiar quanto prejudicar a vida dentro da família, na comunidade e no planeta.

Esse aprendizado para a vida se dá por meio de um processo contínuo e acumulativo, onde é importante considerar o contexto histórico em que estamos inseridos. Ele implica um compromisso de empatia, solidariedade, intenção e carinho. A aquisição de habilidades práticas e o entendimento teórico simbolizam a junção entre teoria e prática, que deve abranger informações interligadas, além de promover uma postura crítica e reflexiva.

Trata-se de um processo contínuo de desenvolvimento do conhecimento científico. Essa abordagem amplia a compreensão de que a educação é um ciclo infinito, se atualizando constantemente. Ela nos leva a refletir sobre a evolução da ciência e da tecnologia, por meio da integração de diferentes áreas do saber.

O processo de ensino e aprendizagem deve capacitar os indivíduos a desenvolverem o pensamento crítico, a se comunicarem eficazmente, a realizarem

pesquisas, a exercitarem o raciocínio lógico, a fazerem sínteses e a elaborarem teorias. É fundamental que promovam a autonomia e a independência, além de se tornarem socialmente competentes. Também é essencial ensinar a importância de uma visão crítica, a compreensão do contexto global, a participação ativa na própria trajetória, o fomento à solidariedade e a luta por uma sociedade mais justa e solidária.

PROCESSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa deu-se em uma escola pública, na instituição de ensino, encontram-se à disposição os seguintes recursos: livros didáticos, coleção de livros da biblioteca, sala de mídias com material previamente selecionado pelo docente ou pelo responsável pela sala, além de computadores, projetores e equipamento de som.

A avaliação da instituição de ensino é pautada nas diretrizes da Secretaria de Educação, adotando uma abordagem formativa e cumulativa que prioriza o êxito dos estudantes. O processo inclui a recuperação contínua, com o objetivo de identificar as matérias que não foram corretamente compreendidas, além de implementar medidas que alavanquem o rendimento dos alunos e, por consequência, a qualidade do ensino e os resultados educacionais da escola.

A pesquisa aderida caracteriza-se como uma abordagem descritiva e interpretativa, focando na análise das relações de causa e efeito. O método segue uma sequência de amostragens dedutivas visando obter dados que comprovem a exploração aprofundada dos fenômenos, predominantemente em um contexto escolar. Os significados emergirão a partir das informações reunidas, garantindo um benefício claro. Segundo Creswell (2005). O enfoque trata-se de um método qualitativa que se distingue pela obtenção de informações sem quantificações, centrando-se na exploração e no desenvolvimento de questões de pesquisa durante a análise dos dados.

O investigador representa o elemento relevante na avaliação dessas informações, uma vez que a análise não se baseia em estatísticas, mas sim na captação de percepções dos envolvidos - emoções, experiências, prioridades e outros fatores subjetivos. Assim, a atenção do pesquisador se volta para como essas vivências foram (ou são) sentidas e experienciadas pelos participantes.

O enfoque qualitativo se seleciona quando se busca compreender a perspectiva dos participantes (indivíduos ou grupos pequenos de pessoas a quem se investigará) acerca dos fenômenos que os rodeiam, aprofundar em suas experiências, perspectivas, opiniões e significados, isto é, a forma em que os participantes percebem subjetivamente sua realidade. Também é recomendável selecionar o enfoque qualitativo quando o tema do estudo está sendo pouco explorado, ou não se está fazendo uma investigação a respeito, em algum grupo social específico. O processo qualitativo se inicia com a ideia de investigação. (Sampieri, 2013).

ANÁLISE DOS RESULTADOS

O bullying não representa uma questão que diz respeito apenas aos educadores; trata-se de uma problemática que abrange toda a comunidade escolar. A instituição de ensino deve adotar medidas que incentivem a conscientização de pais e alunos sobre os impactos e repercussões desse comportamento, que é tão comum e significativo tanto no ambiente escolar quanto fora dele.

O bullying é reconhecido como uma questão persistente nas escolas, gerando diversas repercussões tanto para a vítima quanto para o agressor. As manifestações de agressão entre os estudantes podem se apresentar de várias maneiras, incluindo empurrões, chutes, constrangimentos, apelidos pejorativos, mensagens ameaçadoras e até mesmo a exclusão social do indivíduo. Quando se perguntou dos entrevistados quais suas maiores dificuldades em lidar com o bullying no ambiente escolar eles responderam que:

Figura 1 - Desafios docentes diante do bullying escolar



Fonte: O pesquisador (2020)

Como apresentado na fala dos entrevistados, transformado nesta figura comprova-se que o impacto emocional do estudante, a falta de ajuda e o comportamento da vítima, torna-se fundamental o professor possuir habilidades para conduzir tais situações no ambiente escolar.

Sugere-se que esse fenômeno seja abordado abertamente nas aulas, integrando-o às discussões sobre violência e preconceito, que estão presentes nas representações de crianças e jovens no ambiente escolar.

Ao analisar essa questão, nota-se que o bullying representa uma dificuldade social que frequentemente as instituições de ensino não conseguem resolver, uma vez que, na maioria das situações, o tema é abordado apenas como uma questão de indisciplina.

Os administradores frequentemente ignoram que a ausência de regras e a falta de disciplina podem resultar em bullying. Os profissionais da educação

enfrentam desafios para diferenciar um ato ocasional de agressão da manifestação contínua de bullying.

Apesar de ser uma prática que existe há muito tempo, o bullying ainda permanece nas sombras. Os agredidos, amedrontados, se sentem pressionados e incapazes de relatar o ofensor, o que torna difícil a implementação de medidas punitivas. Isso acaba reforçando a falta de conhecimento e a indiferença sobre a questão entre os educadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficou comprovado que a indisciplina é vista como um comportamento impróprio, originado em grande parte pela falta de uma boa formação e pela ausência de metas, sendo que o grupo concordou unanimemente sobre a relevância da educação no ambiente familiar.

Os entrevistados destacaram que a sociedade contemporânea enfrenta uma crise nas relações familiares, resultando na desvalorização das normas. Quando os alunos não recebem essa formação em casa, os professores encontram dificuldades para aplicar seus métodos de ensino, e a instituição escolar acaba limitada, sem conseguir mudar esse quadro.

Considerando que o fenômeno do bullying pode ocorrer no ambiente escolar, torna-se responsabilidade do Estado implementar ações preventivas e protetivas para os alunos afetados, enfatizando, sobretudo, os aspectos educacionais, de valorização e de proteção, em conformidade com os direitos e garantias fundamentais estabelecidos na constituição.

Fica claro que, na ocorrência do bullying escolar, a discriminação e a intolerância se manifestam, especialmente quando as atitudes prejudicam crianças e jovens vistos como distintos pelo agressor. Este, ao não aceitar as diferenças, frequentemente utiliza essas particularidades para promover humilhação, agressão, desdém e vitimização.

Ao final desta pesquisa, conclui-se que um tema como este não pode ser limitado a uma investigação superficial ou a uma conclusão simplista. Este texto busca, na verdade, estimular outros estudos que aprofundem a discussão sobre o bullying, levando em conta a gravidade que esse problema tem alcançado no âmbito da infância e adolescência, e refletindo sobre as consequências que isso pode ter para esses indivíduos ao longo de suas vidas.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Maria Aparecida. **Bullying**: o que é isso? Disponível em: <<http://bullyingviolenciavelada.blogspot.com.br/>>, 29 maio 2017.

CASADO, Aline Gabriela Pescaroli. **Cyber bullying**: violência virtual e o enquadramento penal no Brasil. In: Âmbito Jurídico, Rio Grande, XIV, n. 95, dez 2016.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto; tradução Magda Lopes. (3 ed. Porto Alegre: ARTMED .2005).

DELORS, Jacques. **Educação**: Um tesouro a descobrir. 1ª ed. Portugal: Edições Asa, 2016.

JARES, S. N. **Como prevenir e resolver o stress dos professores e a indisciplina dos alunos?** 3. Ed. Porto: Asa, 2016.

LOPES NETO, A. A. **Bullying** – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81(5), 164-172. FACEVV, n.4, p. 119-135, Jan./Jun. 2015.

OLIVEIRA, José Eduardo Costa de. **Violência escolar**: os gestores, as interfaces com as unidades de apoio e as dificuldades de enfrentamento. São Paulo: Seven System Internacional Ltda, 2016.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. São Paulo: McGraw-Hill, 2013.

SOUZA E SILVA, Joilson Pereira da. **Bullying nas escolas**: conhecer para intervir. In: PARENTE, Cláudia da Mota Daros; VALLE, Luiza Elena L. Ribeiro do; MATTOS, Maria José Viana Marinho de (Orgs.) *A formação de professores e seus desafios frente às mudanças sociais, políticas e tecnológicas*. Porto Alegre: Penso, 2015.

WENDLING, Celio Aloisio. **Textos pedagógicos**: reflexões do cotidiano escolar. 2. ed. Joinville: Clube dos Autores, 2016.